

Port

60

75

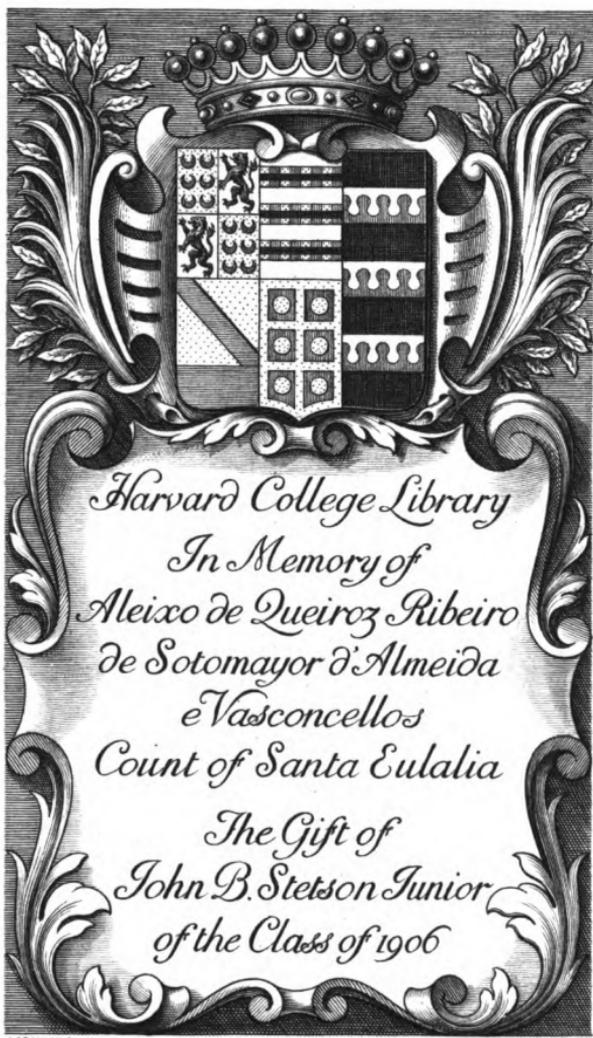
WIDENER



HN ZJBJ X



Part 6033. 75.110



A BENGALA

A BENGALA

POESIA COMICA

POR

EDUARDO GARRIDO

Recitada no theatro de D. Maria II

PELO ACTOR

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS CALAFATES, 110

1864

Port 6033.75.110
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
DEPARTMENT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
ST. JEFF
MEXICO, D.F.

May 28, 1924

271255
26

AO SEU AMIGO

ANTONIO BATALHA REIS

OFFERECE

Eduardo Garrido.

A BENGALA



O personagem, que figura ser um *elegante* de vinte a vinte e cinco annos, entra pelo fundo apenas o panno sobe, examinando attentamente uma *badine* que apresenta ao publico.

I

Comprei-a agora. — Que dizem?...
Não fui na escolha infeliz:
Uma *badine plus chic*
Confessem que nunca teve
Nenhum janota em Paris!

Ligeira... fina... graciosa...
Debil... curta... tudo emfim!
Uma bengala elegante!...
Uma bengala de duque!...
Uma bengala p'ra mim!...

Sim, — p'ra mim! Talvez se admirem
Do que me acabam de ouvir?...
Pois vou pedir a palavra
Para provar que da phrase
Não ha motivo p'ra rir!

Meditem — scismem um pouco.
E, depois d'isso, hão de vêr
Que uma bengala como esta,
Não comprehende — não sabe,
Não pode usal-a qualquer!...

Pois digam lá: não estão vendo
 Qu'isto é mesmo uma bengala
 D'um homem *chic* — *du monde*,
 Que falla bem com senhoras,
 Que sabe entrar n'uma sala?

D'homem que foi a Paris,
 Que anda co'a gente do *tom*,
 Que conhece as *primas-donas*,
 Que lê romances francezes,
 Que põe banhas do Barón?

Não vêem, talvez!... — Pois creiam
 (Não é um tolo quem falla!...)
 Que se conhece — e a prova
 É que eu conheço na rua
 O homem pela bengala!

Podem ter a maior fê
 N'esta sentença que eu disse;
 Tem seu ar de parvoice,
 Mas não é!
 O que mil vezes encobrem
 Os modos — o fato — a falla,
 Indica-o... mostra-o... descobre-o...
 Proclama-o sempre a bengala!

Se eu fosse aqui bengaleiro,
 (Desgraça de que o Supremo
 Sempre ao abrigo me tenha!)
 Para entregar as bengalas
 Não precisava de senha!

Era appar'cer um sujeito,
 E dizer, chegando á porta:

« Venha a bengala para cá ! »
 Examinal-o um momento,
 Lançar a vista ás bengalas
 E responder : — « Aqui está ! »

Quem, vendo um chapéo de chuva
 Bem pesado,
 Com grande cabo de buxo
 E grande panno encarnado ;
 Chapéo que, aberto, não cobre
 Um homem, mas um milheiro,
 Não diz logo que o seu dono
 É saloio ou aguadeiro ?

Dizem todos !

Co'a bengala
 A mesma coisa acontece ! —
 Pela bengala — acreditem —
 É que o homem se conhece !
 Não crêem n'isto talvez... ?
 P'ra mim é ponto de fé :
 Eu em vendo uma bengala
 Sei logo o dono quem é !

II

Bengala d'unicornio — castão d'oiro —
 Ricasso — pé de boi — homem feliz,
 Que vem gosar tranquillo as largas sommas
 Que soube amontoar n'esses Brazis !
 Que usa lenço de seda — e bom grilhão
 Pendente do pescoço em trinta rolos ;
 Que tem caixa doirada e grande anel...
 Um grande anel aqui...
 (*mostrando o indicador*) no fura bolos !

Bengalão

De castanho ou de pau santo,
 Sem ponteira nem castão,
 Com passadeira de couro
 P'ra nunca fugir da mão: —
 Ou de cabo de policia

Ou então

D'homem que foi marinheiro,
 Mas tem outra occupação:
 Calafate... ou cigarreiro...
 Typo com quem se não manga
 Sem ficar em maus lançoës,
 Que usa de calça de ganga,
 Chapéo alto — e caracoës!

*

Grande canna da India amarella,
 Comprida e pesada,
 Com ponteira de chifre ou de ferro
 E muleta de chumbo oitavada: —
 Se não fôr da policia secreta
 O seu dono famoso ornamento,
 Foi com certeza zabumba
 Ou trompa de regimento!

*

Grossò junco, revirado
 Nas alturas do castão: —
 Soldado que, livre do negro serviço,
 Vae dar quatro voltas — fallar ao derriço
 Do seu coração;
 E que olhando a namorada
 Risca na areia encarnada
 Em dias de procissão!

*

Outro junco!... Mas queimado
 N'uma graciosa espiral;
 Appetecido e comprado
 Na rua do Arsenal, —

E um quasi nada mais grosso,
Tendo em cima um botão d'osso

Pôr castão : —

Boçal gallego enfeitado
Em dia de confissão !

Bengala de tronco d'arvore : —
Homem de gostos singelos ;
Mas de tal fôrma niquento,
Que antes quer trazer chinellos
Que andar um dia... um momento,
De botas de polimento
Com pospontos amarellos !

Formidavel *casse-tête*
Com formidavel castão,
Cujos aspecto medo mette
Ao mais afouto pimpão : —
Valente de botequim !
Lingua forte — pulso fraco ;
Ratão que dá o cavaco
Por ir ceiar ao Penim !...
Typo de pouco dinheiro,
Que fuma sempre *brejeiro*,
E traz o chapéo...

(Pondo-o á banda)

assim !

Grande fadista — farçola...
Que diz chufas atrevidas,
E tem tres unhas cumpridas...
Mas que não toca viola ! —
Homem bulbento em cafés,
Que a toda a gente accomette,
Que rapa do *casse-tête*...
E apanha dois pontapés !

Castão sobre o junco mais liso e mais lindo,
 Mostrando a careta medonha de Pan ;
 Ou Venus, na concha, das ondas sahindo
 Ou Eva formosa comendo a maçã: —

Sujeito bem conservado
 Com presumpções a ser bello,
 Que traz a calça vincada
 E tem luneta doirada
 Com seu cordão de cabelo: —
 Pessoa de boa fama
 Que nunca entrou em *batotas*,
 Que anda co'as botas na lama
 E nunca enlameia as botas ; —
 Que p'ra questões sendo pouco
 Se alguem um sóco lhe deu,
 Em vez de dar outro sóco
 Vae apanhar o chapéo ! —
 Ratão que das namoradas
 Aos amorosos desvelos,
 Deve as prendas delicadas
 D'umas carteiras bordadas
 E um lindo par de chinellos ! —
 Homem de poucos credores,
 Sempre das contas mais lisas,
 Que dos vizinhos não falla,
 E guarda á noite a bengala
 Na gaveta das camisas !

III

Porém, não é da bengala
 Só pelo estudo, a meu ver,
 Que o homem nos facilita
 O modo de o conhecer !...
 Outra maneira inda existe,
 E vou de leve indicá-la :
 Também se conhece o homem
 Nas posições da bengala !

Exemplo: —

Sujeito parado na rua
 Que torce o bigode com certa nobreza,
 E curva a chibata na ponta da bota...
 É mestre d'esgrima com toda a certeza!

Figurão que vaê girando
 Cõ'a bengala em deredor: —
 Enquanto se não descobre
 Nenhum indício melhor,
 Tem-se a certeza que é homem
 Que nunca foi tambor-mór!

Exemplos como estes ha mil cada dia
 Qual d'elles mais bello, frisante e melhor, —
 E eu todos sem custo mostrar-vos podia
 Porém não me quero tornar massador!...

Depois, vou ainda provar que a bengala
 Se tem muitos contras — de certa maneira,
 Offrece vantagens que o dono compensam
 Do sestro maldito de ser chocalheira!

IV

Encontra a gente na rua
 Um massador... um maroto,
 Que nos manda um perdigoto
 A cada coisa que diz;
 O que ha de n'um caso d'estes
 Fazer um pobre infeliz? —
 Agarra assim na bengala...
 (*Mette-a debaixo do braço*).
 Ageita o laço, importante,
 E o figurão a quem falla

Põe meia legua distante ! —
 Em taes apuros me vendo
 È sempre o meio que escolho !...
 E o homem não se approxima
 Porque tem lá seus receios
 Que a gente lhe vase um olho !

Surge uma bella... uma deusa...
 Mostrando um pé delicado...
 (Como um que eu vi ha bocado
 Ali no caes do Sodré !...)
 N'esse momento bemdito,
 Basta largar a bengala,
 Fazer assim...

(*Abaixa-se*)

e apanhal-a,

P'ra não ver sómente o pé!

Um homem 'stá no Passeio
 A conversar com alguém ;
 Tem uma bota apertada
 E o pé no chão não 'stá bem !...
 Se acaso não traz bengala
 E fizer isto...

(*Curva a perna*)

é vergonha !...

Se a trouxe, porém, comsigo,
 Da *troça* fica ao abrigo,
 A posição de cegonha !
 (*Enrola a perna na bengala.*)

Mas, uma vez que lhes disse,
 E que já sabem como é
 Que a gente ás vezes se livra
 D'um grande *aperto de pé*;
 Dêem-me ainda attenção,
 E vão saber, sem cançar-se,

Como é que pôdem livrar-se
D'um grande *aperto de mão* !

Apenas o homem a mão nos estende
Recua-se um pouco, fazendo-lhe assim...
(*Esgrime com a bengala.*)
Brejeiro... patife... maroto... tratante...
Apanhas um *bote* se avanças p'ra mim ! —
Depois de um minuto termina-se a graça,
E a gente, sem custo, consegue o seu fim !

Vê-se na rua um patusco
D'estes que alargam os braços,
E vem gritando e sorrindo
De nós ainda a cem passos,
E um homem deixam n'um bolo
Co'a força dos seus abraços ! —
« Olá ! olé ! que surpresa ! »
Grita-lhe a gente de cá !
« Venha de lá esse abraço ! »
Diz o ratão ! — « Venha lá ! » —
Alegra-se então o rosto
Pelos sorrisos mais lédos ;
Porém, apenas o sucio
Já mais de perto nos falla,
Pega-se assim na bengala...

(*Colloca-a horisontalmente entre os dedos
polegar e index de cada mão, alonga de-
pois os braços e estende, como para um
shake-hands, dois dedos da mão direita.*)

E dão-se-lhe estes dois dedos !

Está a gente a fallar com senhoras...
Muita coisa... d'aqui e d'ali...
Mas tem ido cortar o cabelo
E caiu-lhe um cabelo p'raqui !
(*Indica as costas.*)

Como ao pé do bello sexo
 Ter maneiras descompostas
 É sempre de mau effeito,
 Não pôde agora um sujeito
 Ir co'a mão coçar nas costas ! —
 D'esta scena attribulada
 Como ha de sair ?

Faz isto

(*Leva a bengala atrás das costas.*)
 E dá assim, sem ser visto,
 Uma fricção disfarçada !

V

Já vêem que é justo dizer que a bengala,
 Se tem muitos contras — de certa maneira,
 Offrece vantagens, que o dono compensam
 Do sestro maldito de ser choelheira !...

E pois que as vantagens vos fiz conhecer,
 E a todos de certo proficuas serão, —
 Cedendo aos impulsos d'um santo dever,
 É justo que ao mestre pagueis a lição !...

FIM.

